

4 — TUDO É POSSÍVEL

1.

Eram seis da manhã. Sentado na cama, à luz pálida do candeeiro, Fernão deitou um olhar de soslaio à harmónica com que por vezes se entretinha. Habitara-se a manhãs de insónia daquelas. Levou o cigarro à boca e deu uma longa passa, o fumo dissipou-se por entre os dedos flácidos. Que fazer? Em Setúbal, sempre era capaz de improvisar qualquer coisa. Agora, naquela cidade, todas as horas passadas fora do Instituto se convertiam em momentos de espera.

Esborrachou a beata contra o copo da mesa-de-cabeceira, onde já outras se acumulavam: um nojo, aquilo. Culpa do irmão Jacinto que, de cada vez que passava por Lisboa, lhe deixava novo maço. Pernoitara ali, dois dias atrás. O senhor Carmelo, responsável pelo prédio, não se mostrara muito agradado, mas a verdade é que Fernão nunca lhe arranjara problemas. E o irmão viera a trabalho, chegara derreado depois de uma noite no mar. Era o que faltava ainda ter de andar à procura de abrigo, depois do tempo gasto a preencher declarações na alfândega.

— E para quê? Zinco, cimento, vidro-núbilo: seja o que for, é chinês. Só falta venderem-nos as batatas para pôr no prato — resmungara Jacinto, naquela noite, enquanto jantavam na cantina do centro comunitário. Fernão adquirira uma senha suplementar, mas o irmão achara o espaço repugnante, mal tocara no prato. Lamentara que ele tivesse de comer todas as noites ao lado de velhos miseráveis. Depois, metera na cabeça que todos olhavam para eles com curiosidade mórbida, só descansou quando Fernão ocultou o braço deficiente debaixo da mesa.

Viria a queixar-se igualmente do prédio sujo, cheio de rachas, assim como do apartamento lúgubre que a Bóreas lhe cedera, quase um quarto de arrumos. Para aquilo, mais valia terem-no deixado seguir a vocação familiar. Como já o pai antes dele, Jacinto trabalhava no porto de Setúbal, era homem para todo o serviço. Passava a maior parte dos dias na estiva, sob máscaras de protecção, chegava a casa com as costas martirizadas. Os médicos não podiam nada por ele e, desde que a namorada o tinha abandonado, a situação

piorara. Mas os reencontros celebravam-se: trouxera uma garrafa e insistira para que se tocasse harmónica, apesar da resistência de Fernão por se ter feito tarde. «A esta hora, estão todos a flutuar no Rest. Ou então são demasiado pobres para isso e nesse caso não interessa que faças barulho», argumentara. Para incentivar o irmão, tirara o maço de cigarros do bolso: «Uma surpresa para ti.» Fernão apanhara o pacote com a mão atrofiada, num movimento desajeitado deixara-o cair. «Ai Fernão...» Jacinto nem completara a frase, mas desviara os olhos e soltara um suspiro audível.

Fernão abanou a cabeça, regressou ao momento presente. Tinham-se feito horas. Levantou-se, passou a cara por água, penteou aqueles cabelos desgrenhados, vestiu uma das suas habituais camisolas pretas de mangas compridas. Antes de sair de casa, olhou para as quatro paredes cheias de manchas de humidade. A verdade é que era um apartamento lastimável. Dificilmente lhe podiam ter arranjado pior.

Na escuridão do corredor, deu duas pancadas secas na porta do lado.

— Bom dia, dona Graça. Era para lhe devolver o cobertor. Ontem esqueci-me, desculpe lá.

— Oh, Fernão, não faz mal nenhum. Sempre que precisares. Não queres entrar?

O apartamento da vizinha era maior do que o seu, mas na verdade tinha um ar ainda mais abjecto. Estava atafalhado de objectos que ela fora conservando ao longo dos anos, bens inúteis sem nenhum valor — excepto, bem entendido, o módulo de ligação ao Rest, que por si só ocupava quase uma divisão inteira. Pelos cálculos de Fernão, ela não deveria ter direito a utilizá-lo mais do que uns magros minutos por dia. Jacinto passava a vida a reclamar que jovens como ele tinham de se esfalfar a trabalhar para que velhotes que se recusavam a morrer pudessem desbaratar recursos comuns. Não lhe parecia que fosse o caso da dona Graça.

— Obrigado, tenho de ir para o trabalho. Então, até logo, sim?

— Não te preocupes, não me esqueci — confirmou a senhora.

De casa dele, punha-se no Instituto num instante, caso não apanhasse pelo caminho as lesmas de ar deprimido que congestionavam os tapetes móveis à primeira hora. Só para ele, ir trabalhar não era um suplício.

No átrio do Instituto, ali estava, junto à janela, aquele sacana de Tiago. Mal o viu, o colega levantou-se; era desta que tinha notícias:

— Já tenho tudo. Esta noite?

— Fala baixo! — irritou-se Fernão. — Esta noite, sim. Mas vê lá se és discreto.

*

Carola dissera-lhe uma vez que o rapaz era de famílias ricas, mas pelos vistos não o bastante, pois Tiago Derves, com os cotovelos apoiados à mesa de Fernão, contava com toda a concentração as notas que correspondiam à sua comissão.

— E esta é a tua parte — passou-lhe, por fim, o envelope cheio, enquanto depositava em cima da mesa um embrulho. — Tens aqui o adaptador. É só ligar ao módulo que vais usar. Segues as instruções, não tem nada que saber.

Fernão avaliou o objecto com desconfiança, *made in China*. Enquanto isso, Tiago tirou da carteira um pedaço de papel com uma longa sequência manuscrita.

— E este é o código: memorizas, activas na pulseira. Já está. Depois, deitas fora.

— O quê, só isso? Tão fácil? — Por um momento Fernão suspeitou da boa-fé de Tiago. — Um adaptador? Um código? Não pode ser...

— Pode. Está descansado, a pessoa que trata do assunto vai estar ligada à mesma hora. Não tens de te preocupar com nada. Pode demorar um bocado, mas funciona de certeza. Ela sabe o que faz.

— Mas disseste-lhe que isto não é para divulgar? E se fica registado?

Era o maior medo de Fernão: que Marcello ou qualquer outra pessoa na Bóreas pudesse descobrir que ele se preparava para aceder ao mundo virtual a partir de um módulo exterior. Não passava do Rest.1, com as limitações conhecidas, mas estava bem estabelecido que os impulsores não tinham o direito de ligar-se fora do Instituto.

— Não fica registo nenhum, ninguém te pode topa. Confia, pá, esta pessoa não falha. Lembra-te do que ficou combinado: ligas-te todos os dias, nem que seja só por uns minutos. E usas sempre o mesmo módulo.

Tiago pegou no casaco, fez tenção de se levantar. Por ele, o negócio estava concluído.

— Ainda há coisas que não estão muito claras para mim — confessou Fernão, que lhe fez um sinal com a mão para aguardar. — Se isto é ilimitado, como dizes... quem gere isto, os fluxos ou lá como se chama, não vai estranhar?

Tiago revirou os olhos. Voltou a sentar-se, aborrecido.

— Queres que te faça um desenho? Já disse, ficas incógnito. Só ela é que te vê, a pessoa que cuida disto. Não tens nada a perder: é o melhor do mercado, topo de gama.

Fernão desconfiou. Nem sabia bem qual era agora o limite com o Rest.1. Cérebros resistentes aguentavam quatro horas, mas eram rejeitados depois disso.

— E tu não vais abrir a boca? — Era a enésima vez que perguntava.

— Vou lá agora abrir a boca! — Tiago irritou-se, levou a mão ao bolso onde guardara a sua parte. — Ei, sou só o intermediário, já tenho a minha comissão. O que tu fazes nos tempos livres não me diz respeito.

— Disseste que iam ter acesso aos meus dados... Isto ainda dá para o torto. O que era aquilo da adesão?

— Esquece, não tens de te preocupar. É só informação. Sei perfeitamente com quem estou a lidar, não corres risco nenhum. Eu também não me ia queimar numa coisa destas se não estivesse seguro a cem por cento, ou ia?

Quando Tiago lhe falara da transacção pela primeira vez, Fernão aceitara sem pensar muito. Agora vinham-lhe receios. Ao ver o colega levantar-se de novo, alçou-se de rompante para lhe barrar o caminho de saída.

— Ouve, nem te devia dizer isto — informou Tiago, já com a paciência esgotada —, mas só para ficares sossegado: a pessoa que está por trás do arranjo é a minha irmã. Ela é engenheira do Rest, trabalha para a Bóreas em Copenhaga. Não é propriamente uma criminosa. Se quiseres, podes procurar o nome: Teresa Derves. A sério. Como é que achas que eu te arranjava este adaptador?

— Mas então, se ela trabalha para a Bóreas, porque é que...

— O que sei é que, mesmo lá na sede em Copenhaga, ninguém quer falar disto, do projecto. Tudo encoberto. Ela só quer compreender o que se passa. Não tens de ter medo, não é nenhuma trifulhice. E ganhas uns cobres. Vá, deixa-me lá ir embora.

Fernão acenou com a cabeça, afastou-se para o deixar passar. Tiago mal se despediu.

Ainda tinha duas horas para reflectir. Ficara escaldado com a experiência da ligação de interacção precedente: queria mesmo voltar a ligar-se ao Rest.1? De certeza que facilitar o acesso a dados relativos ao projecto o podia meter em sarilhos. Mais valia abortar o plano.

Enfim, a Bóreas não lhe merecia lealdade, e a ligação ao Rest.2 não era um benefício concedido a título pessoal: os impulsores não passavam de cobaias. E estavam à vista as trapalhadas em que os envolviam.

Quando mencionara a Jacinto a proposta de Tiago, o irmão insistira para que ele aceitasse, apresentara argumentos... Dali a menos de um ano, terminaria o projecto e nessa

altura o que lhe restaria? Seguramente, não lhe iam oferecer um emprego no Instituto. Adeusinho e obrigado pelos serviços prestados: deixá-lo-iam voltar para Setúbal com uma mão à frente e outra atrás. Assim, pelo menos, ganhava algum dinheiro. Enquanto durasse o trabalho, havia que aproveitar todas as vantagens. Já que também se valiam dele...

Passou aquelas duas horas com um nó no estômago, mas no fundo a decisão estava tomada.

Um pouco antes das dez, foi tocar à porta do lado.

— Dona Graça, sou eu. Aquele favorzinho que lhe tinha pedido...

— Claro, Fernão, entra, entra. Já ficou combinado, é quando quiseres. O módulo está ali dentro.

Foi tudo tão fácil: instalou o adaptador ao módulo da vizinha, ligou-se à hora marcada, inseriu o código na pulseira. Estava no Rest.1. Queria o quê, uma sala de concerto? A reprodução era elementar, as projecções mal tinham consistência. A rapariga loura ao seu lado ainda passava, mas os corpos que se agitavam ao som da música constituíam uma massa disforme, que tremia como gelatina. Custava-lhe um pouco entrar no ritmo, era como ouvir um *playback*.

Mas Fernão suspeitou logo que ali conseguiria alcançar a única coisa que lhe estava vedada no Rest.2, e depressa verificou que tinha razão.

2.

— Então, mas pensa lá noutra coisa qualquer. Uma experiência física, intensa, que tenha permanecido igual, que se possa comparar.

Sentado à mesa de jantar, Bartolomeu alisava a toalha vermelha com as mãos enquanto esperava a resposta. Perguntava-se se haveria de facto diferença entre nadar como sempre se fizera, a mar aberto, e a sensação equivalente propiciada pelo Rest.2. Mas havia pelo menos quatro décadas que a água do mar era considerada perigosa. Experimentar a sério era impossível.

— Então e sexo? — propôs Fernão. — Pode ser isso? Ou tu nunca...?

Bartolomeu nem sequer respondeu, pôs-se a fazer bolas com o miolo do pão.

— Deram-te mesmo a volta ao miolo com essa história do casamento — comentou Fernão. — Mas pelo menos no Rest.2 já experimentaste... sei lá, com uma projecção da Brísida?... ou nem isso?

— Claro que não experimentei nada. Com uma projecção! Tens cada uma...

— Mas porquê? Na ligação individual podes fazer o que quiseres. *Ele* não vê!

— O problema não é o Marcello. Não quero que aconteça nada assim. Se ainda fosse um fantasma consciente... Agora, uma projecção... qual é o interesse? E não chames a Brísida para a conversa, ela é minha amiga.

— Oh, é tua amiga! Pronto, nem digo nada. E se queres mesmo saber: sim, é mais ou menos igual. Cá fora e... *lá* — confirmou Fernão. E, rindo, acrescentou: — Claro que as tipas que olham para mim no Rest.2 não têm nada que ver com as miúdas com quem eu andava lá em Setúbal. Agora são muito mais... Outro nível, estás a ver?

— Pois... Ainda bem! Fico aliviado.

— Que tenham outro nível?

— Não, parvo, que as sensações sejam as mesmas. Lá, no Rest.2. Detestava saber que o que sinto quando estou a nadar é falso.

Fernão encolheu os ombros. Que preocupações!

— Falso, verdadeiro... Para o caso, o que é que importa?

Marcello entrou nesse momento na sala, com um prato de massa na mão.

— Está pronto. Servem-se! Esta noite um jantar entre rapazes!

Fernão sorriu: o conceito de «rapazes» de Marcello era mais lato do que o seu. Bartolomeu tivera de insistir para que ele aceitasse o convite para jantar, o que o obrigava a percorrer a cidade literalmente de uma ponta à outra, mas afinal valera a pena. Para começar, ali não se falava de trabalho. Marcello não lhe fizera perguntas intrusivas, deixara-o explorar a sua colecção de discos. Uma música como «Stubborn kind of fellow» deixava qualquer um bem-disposto.

— Mas falta cá um rapaz, não é? — lembrou Bartolomeu.

Na testa de Marcello formou-se uma prega de preocupação. Faltava Tiago, claro, e não por falta de convite.

— Disse não podia.

— Tudo bem, mais fica — estimou Fernão.

Compadecera-se de Bartolomeu quando este fora chamado a morar com o tutor, mas concluíra agora que não era grande azar. O amigo estava bem instalado, e Marcello parecia tudo menos um vigia. Por momentos, ele próprio se esqueceu de que havia uma hierarquia a respeitar.

Quando regressou a casa era já meia-noite. Ao passar no corredor, reparou numa fresta de luz debaixo da porta da vizinha. Não queria exagerar, mas a dona Graça deitava-

se tarde, por dez minutos não incomodava. Deu três pancadinhas ligeiras na porta, e não teve de esperar muito. À soleira surgiu uma rapariga chinesa, de pijama, que com uma mão passou o cabelo liso e solto para trás das costas.

— Sim? — perguntou ela, com um olhar calmo. — Posso ajudar?

— É o apartamento da dona Graça? — indagou estupidamente Fernão.

Nesse momento, a vizinha assomou à porta.

— És tu, Fernão? Desculpa, esqueci-me de te avisar! Esta é a Lisa, está cá de passagem, fica até ao final da semana... Mas entra, não há problema.

— Ah... Obrigado, dona Graça, é tarde. Não tinha dado pelas horas. Lisa?

— Tu é que vês — respondeu a senhora. — Se tens de te levantar cedo...

Ele apontou para a sua porta, fez que sim.

— Então, até à próxima... Fernão? — despediu-se a chinesa, num português perfeito. Não perdia tempo com formalidades, mas sorriu-lhe ao fechar a porta.

Fernão ficou parado, às escuras, no corredor. A rapariga era gira.

*

Não saberia dizer porquê, mas gostara de imediato do quadro. Fernão não tinha memória de contemplar nenhuma obra de arte e dificilmente teria decidido por si mesmo entrar num museu. Mas ali estava ele, havia dez minutos, diante da tela: agradava-lhe aquele castelo envolto em copas, ou talvez mais o caminho para lá chegar. Jacinto indicara-lhe um nome, Amadeo de Souza-Cardoso, e a localidade de Amarante. Fernão preparara-se para uma rápida visita de reconhecimento, mas não se resolvia a partir. Era aquela curva que o prendia, o acesso ao castelo. O próprio título tinha qualquer coisa de hipnótico. «Casa de Manhufe».

— É um quadro importante? — perguntou ao guia que se aproximara entretanto.

— Bastante, não tanto como o da cozinha. Já viu esse?

— Este é que me interessa.

— Final do período de Paris, 1912. É a casa onde o pintor nasceu, aqui perto. — Ficaram os dois um momento a olhar para a pintura, como se a informação mudasse tudo. E o guia arriscou uma interpretação: — Como voltar para casa, não é?... E no entanto voltaria, pouco depois. A Primeira Grande Guerra...

— Pois, estou a ver — despachou-o Fernão. — Obrigado.

E fechou os olhos, para sair dali.

Ao fim do dia, quando chegou ao prédio, foi bater à porta do senhor Carmelo para pedir acesso ao telefone. O ogre encarou-o com maus modos, lembrou-lhe que não era domingo.

— A minha mãe tem estado doente, aflita dos ossos — inventou Fernão, armado de toda a paciência. — De certeza que o senhor Carmelo compreende...

Na sala, estendida no sofá, a velha Carmelo ouvia na rádio canções que já cheiravam a ranço quando ele nascera: Édith Piaf, Elvis Presley, Tony de Matos. Lá vinham os queixumes da matrona, mil e uma doenças que a martirizavam. Fernão dizia que sim a tudo, com ar desolado, enquanto marcava o número no aparelho. Não tardou a identificar a voz de Jacinto, e anunciou:

— Sou eu. Já fui ver aquilo, hoje no Rest. Mas não sei, não me parece boa ideia.

— Olha lá, já alguma vez tinhas ouvido falar do gajo? O que é que te interessa?

— Eu não, mas de certeza que é coisa grossa.

— Não é, é uma peça menor. Coisas bem mais importantes têm desaparecido nos últimos anos. Ninguém dá por ela.

Jacinto falava verdade. A privatização de bens e experiências no mundo virtual disparara, era um dos meios mais eficazes para atrair o investimento no Rest. De um momento para o outro, a contemplação de certas obras de arte ou a participação em eventos históricos passavam a ser exclusivos de milionários. É certo que estas vendas, por constituírem uma perda para os utilizadores de todo o Bloco sino-europeu, tinham de ser legitimadas ao nível mais elevado — mas a prática passava sem originar protestos. Ainda poucos meses antes, contra uma percentagem choruda, o Conselho dera o aval para excluir do domínio público dois biombos namban do século XVI. Como era evidente, Fernão pouco ou nada sabia sobre estas transacções.

Sabia, sim, que o que o irmão lhe pedia era diferente: usar o seu acesso ao Rest.1, através do módulo da dona Graça, para fazer o trabalho de um bloqueador. Explicara-lhe Jacinto na visita precedente que a palavra designava os difusores de vírus no Rest. Inobserváveis e altamente contagiosos, lançados sob a forma de algoritmos, tornavam determinada realidade inacessível aos fantasmas que não tivessem tomado as precauções necessárias. Certos magnatas recorriam por vezes a tais executantes, cientes de que as suas pretensões não poderiam ser atendidas pela Bóreas, ou por pura especulação. O furto concedia-lhes um privilégio único, e uma moeda de troca no mercado negro.

O tráfico de experiências exclusivas tornara-se um negócio importante. Em anos recentes, contudo, a Bóreas apertara a vigilância contra os infractores, limitando os danos causados e conseguindo por vezes reverter efeitos. E se os melhores continuavam a agir na sombra, suspeitava-se até de que em conluio com alguns engenheiros da Bóreas, já não dispunham da facilidade dos tempos idos.

— Este tipo é dos bons — affiançou Jacinto —, não arriskas nada.

Para Fernão, aquela conversa era familiar. Veio-lhe de novo a irritação que sentira quando o irmão lhe apresentara o plano. Porque é que ele tinha de ir abrir a boca para gente daquela? Cruzava-se com o pior tipo de indivíduos em salões de jogos clandestinos. E entusiasmava-se, falava de mais.

— Se é tão bom, porque não faz ele o serviço?

— Ninguém tem as tuas condições, sabes bem. Estás num quarto escuro.

O bloqueador confirmara: quando se ligava ao Rest.1, Fernão ficava mesmo fora do radar. E o algoritmo a introduzir limpava as pegadas, não se podia descobrir de onde partira. Ainda assim, ele já estava arrependido de ter contado ao irmão aquela história do acesso proporcionado por Tiago. Lera poucos dias antes o que faziam na China aos bloqueadores, ficara amedrontado.

Mas, no fim, Jacinto dava-lhe sempre a volta. Invocou os cuidados que a saúde de Valter, o meio-irmão mais novo, poderia vir a inspirar. Ali estava uma oportunidade simples e segura de garantir que teriam meios para vir a enfrentar despesas onerosas. E era certo que o que tinha de fazer em troca era uma brincadeira de crianças: decorar os passos de um algoritmo e inseri-los na pulseira quando estivesse em frente a uma pintura no Rest.1. Que importância tinha que dois ou três lunáticos não pudessem voltar a olhar para o desenho todo torto de uma casa? Quadros havia muitos.

*

Brísida nunca perdia uma ocasião para exhibir conhecimentos, pensou Fernão, com azedume, quando esta tomou a palavra numa daquelas enfadonhas reuniões a que eram obrigados de tempos a tempos. Nem ouvia o que ela dizia, contava os minutos para o fim do dia. Mas, como uma picada, a palavra *algoritmo* despertou-o.

— Piratas, falsários, bloqueadores: o Rest.2 não está protegido contra nada — resumia ela. — Como é que podem sequer falar de comercializar este modelo?

Tiago lançou-lhe um olhar de cumplicidade: tinham passado a perna à Bóreas como profissionais. *E não aconteceu nada*, pensou Fernão. Ao regressar para casa, um pouco mais tarde, pensou no que Jacinto lhe pedira. Moralmente, sabia que era errado. Mas a acção mal teria consequências. E, executada no escuro, ninguém a descobriria. Quase como se não existisse.

Campolide: por baixo do letreiro que indicava a saída do tapete móvel, via-se um amontoado de sacos de lixo. O saneamento do bairro era mesmo uma vergonha. Enquanto subia a Calçada dos Mestres de mau humor, notou que a venda da dona Alice ainda estava aberta, e ia a dirigir-se para lá quando, de repente, Lisa surgiu do interior.

— Viva. Vens às compras? — perguntou ela, sem preâmbulos.

— Pois. Não tenho nada no frigorífico.

— Esperava por ti, mas não posso. Tenho de ir levar o cesto a casa, depois volto a sair. Esta noite tenho turno suplementar.

— Aaaa... Acompanho-te? Isto não é urgente... — Fernão segurou num dos sacos que ela carregava. — Então estás aqui a trabalho?

— Estou a substituir duas auxiliares municipais doentes. Sim, duas! — confirmou Lisa, perante o olhar espantado do rapaz. — «Racionalização dos recursos», como eles dizem...

— Tu trabalhas na manutenção urbana? — Pela expressão de Lisa, era como se não houvesse alternativa plausível. Ele imaginara que a visita de uma rapariga chinesa a Lisboa se ligasse a viagens de negócios do pai. Toda a gente sabia que os Chineses controlavam a economia dos países do Bloco. Mas talvez aquela rapariga... — Posso perguntar uma coisa? Tu és chinesa ou portuguesa? É que falas sem sotaque nenhum...

Lisa sorriu antes de responder. Devia estar habituada:

— Teoricamente, dupla nacionalidade. Mãe chinesa, pai português. Macau.

— Ah! Mas então tens direito a estar na China. Porque é que...?

— Porque é que estou aqui? Quando os meus pais se separaram, o meu pai quis voltar, e eu escolhi vir com ele. Portanto, para responder à tua pergunta, agora já só tenho nacionalidade portuguesa. A China não perdoa traições...

Era incompreensível, pensou Fernão, enquanto abria a porta do prédio.

— Não julgues que nadávamos em dinheiro em Macau — prosseguiu Lisa, adivinhando-lhe os pensamentos. — Talvez tivesse tido mais oportunidades lá, mas é só isso... E já regresssei há tanto tempo, que já nem penso no assunto. A minha avó até diz...

— Quem? — E só então Fernão se lembrou de que a vizinha se referira uma vez a um filho que vivera anos em Macau. — Ah! Tu és neta da dona Graça?

Tinham chegado à porta do apartamento dela, mas Lisa ainda perguntou:

— E tu? De Setúbal, não é?

— Nado e criado. Tenho a família lá: a minha mãe e os meus dois irmãos. Aqui em Lisboa... é complicado. Tem dias.

— Dois irmãos? Mas então a tua mãe é superfértil! — admirou-se Lisa.

— O quê? Não... Não é nada.

— Não é? Diz lá, conheces muitas pessoas com dois irmãos? Três filhos é superfértil — repetiu Lisa de modo assertivo.

— Não é, mas deixa. Também é auxiliar, por aí já vês... Não teve vida folgada. E depois o meu pai... era doente. O meu pai já...

— Eu sei, a minha avó disse-me. — Lisa apontou para o braço do rapaz, perguntou com naturalidade: — Uma consequência, não é? Da epidemia?

Noutro contexto, Fernão não permitiria que ninguém lhe fizesse uma pergunta semelhante. Mas assentiu com a cabeça. Pôs o braço em evidência:

— Pelo menos, não me dói. Nunca senti nada.

Lisa pousou os olhos amendoados nos de Fernão, mas pegou nas chaves.

— Fico até domingo — lembrou. — Ainda nos vemos, não é?

— S-sim — balbuciou Fernão —, pode ser que sim.

3.

— O Bartolomeu é porreiro, mas não lhe posso perguntar coisas destas. Percebes? Ele não tem experiência, não saberia o que dizer-me.

— E então vens-me fazer perguntas *a mim*? Achas que eu sou mais experiente?

Carola deu uma gargalhada, sem esperar pela resposta, e Fernão ficou um pouco embaraçado. Ali estava o motivo por que ele a tinha convidado para o acompanhar ao Torel. Pelo menos, o cenário era bonito, dava para contemplar o entardecer na cidade.

— Não é isso. Tu és uma rapariga, percebes melhor — emendou Fernão. — É que esta miúda... não é como as outras, estás a ver? Tem qualquer coisa.

— Que outras? As do Rest.2? Pois. De certeza que não é como essas. — Fernão mostrou-se um pouco aborrecido, mas ela não ligou: — Olha, pelo que percebi tu estás habituado a bonecas que fazem tudo o que tu queres no Rest.2. Atenção, não te estou a

julgar. Se te contentas com isso, muito bem. Mas, se estás interessado a sério nesta rapariga, não fiques à espera de que as coisas aconteçam quando fechas os olhos.

— Hum. E então? É isso que te estou a perguntar. Como é que se faz?

— O mais importante é não te armares no que não és. Disseste que ela é prática?

— Do mais prático que há. Sem tretas.

— Então... Faz a mesma coisa. Ela disse-te explicitamente que ficava até domingo na casa da avó. Parece uma deixa para perguntares: «queres sair no sábado?».

— Assim, sem mais nem menos? E se ela disser que sim? Aonde é que a levo?

— Olha para isto — e Carola apontou a paisagem. — Queres melhor?

Ao lado deles, um grupo de jovens da Alta estava a irritá-lo havia já um bom bocado. Mas não podia fazer-se difícil. É verdade que a vista era espantosa, e Lisa não devia conhecer bem Lisboa, ia gostar.

Houve um momento esquisito, em que sentiu vergonha daquela conversa.

— E tu, não tens namorado? — perguntou, para mudar de assunto. Carola abriu os olhos como se ele lhe tivesse perguntado se tinha sarna. — Ei, é só uma pergunta...

— Não, não tenho. Nem tive. Só uma coisa sem importância, no liceu — acabou por admitir ela. — Um tipo com a mania, que achava que eu tinha de ser protegida. Mas eu... bem, eu gostava de outra pessoa. Como não tinha hipótese...

— Como é que sabes...?

— Essas coisas sentem-se. Achas que terias hipóteses, sei lá, com... a Brísida!

— Eh pá, espero que não!...

E riram-se ambos da possibilidade. Fernão fez mais perguntas sobre o Liceu Camões, que parecia radicalmente diferente do seu. Quando Carola falava desses tempos, os olhos dela brilhavam. Já ele não se imaginava em tal ambiente. Em Setúbal, nos últimos meses de aulas, fora assumindo comportamentos cada vez mais desabridos. Recebera chamadas de atenção, até sanções que lhe dificultaram a vida. Mas a verdade é que lá era um rei. Conquistara um espaço por mérito próprio, a ponto de intimidar adversários e forjar a admiração dos colegas. Ninguém o controlava.

Em Lisboa, era outra história. Bastava ver como, naquele bar, olhavam de través para o braço dele.

*

Ele bem teria esperado pela semana seguinte, mas a dona Graça fora bater-lhe à porta. Naquela noite, Lisa trabalhava até tarde, ele podia ir ligar-se por uns minutinhos, não queria que fosse obrigado a ficar tanto tempo longe do Rest. A senhora ainda não devia ter percebido que ele passava o dia todo estendido num módulo.

Vamos fazer isto, vá, decidiu, mas ainda ficou um momento a olhar para o quadro. Agora, embora o continuasse a achar especial, sentia que era uma pintura triste. A Casa de Manhufe pareceu-lhe espectral, as árvores ameaçadoras, o céu fechado. As janelas não passavam de quadrados escavados nas paredes, a curva da estrada abria caminhos que não levavam a lado nenhum. *Vamos lá*, repetiu para si, e fechou os olhos.

Introduziu na pulseira o algoritmo, passo por passo. Demorara horas a decorá-lo por inteiro. Mas não conseguia deixar de considerar como era disparatado, afinal, ter o poder de alterar o sistema através de uma série de códigos inseridos num dispositivo virtual. Passou-lhe pela cabeça que os homens teriam sempre o poder para dominar as máquinas, e isso pareceu-lhe justo.

Inserida a última sequência, carregou no botão de imediato. *Pronto*. Resultasse ou não, estava feito. Ficou uns segundos a olhar para a pulseira, mas não havia nada para ver. Levantou a cabeça a medo. À sua frente, apenas uma parede vazia de museu. Era algo perturbador, que nunca lhe tinha acontecido no Rest, desejar contemplar um objecto que lhe era negado. Esforçou-se por representar mentalmente o quadro, por recuperar pelo menos as linhas principais, mas sem resultados. Funcionara, aquela realidade deixara de existir no mundo virtual. *Talvez fora daqui consiga pelo menos lembrar-me de como era*, considerou. Não servia de nada, porém, continuar a olhar para um espaço em branco.

Só que, de repente, viu não apenas a parede à sua frente, mas também, e em simultâneo, a imagem de si próprio parado naquele local, como se lhe fosse possível observar-se do exterior. Girou a cabeça, viu uma parede vazia, e, ao mesmo tempo, o seu próprio movimento, numa confusa sobreposição de perspectivas. A interferência durou não mais do que três segundos, o tempo de uma vertigem. Cessou quase sem ele dar por isso. Apenas uma impressão, talvez, mas que o perturbou.

Não sentia ânimo para deambular pelo museu. Fechou os olhos, não sabia para onde ir. Absurdo por absurdo, imaginou-se sentado nos degraus toscos e poeirentos do seu prédio. Quando abriu os olhos, ela ali estava, a seu lado: Lisa.

— Podias ter escolhido lugar melhor... — a mesma voz, os mesmos trejeitos.

— Tens razão... Estas escadas são uma desgraça. Queres ir para outro sítio? E se me mostrasses a tua casa? Lá onde moras mesmo, quero eu dizer. — Lisa fez um sorriso

acabrunhado, e Fernão supôs que ela tivesse interpretado mal a sua intenção: — Não é isso... não é para fazermos nada, é só para falarmos!

— Podemos fazer o que quiseres e onde quiseres. Só que... eu não sei como é a minha casa.

E então Fernão compreendeu. Era claro, aliás. Não era Lisa, era apenas uma projecção: um corpo presente, sem alma. Sentiu-se até um pouco embaraçado, embora isso não fizesse muito sentido. Passou a mão esquerda pela cara e, quando voltou a olhar para o lado, tal como desejara, a projecção já tinha desaparecido. *Melhor assim*, disse para si mesmo. Ia sair, talvez a própria Lisa já tivesse chegado a casa, e tinha um convite para lhe fazer.

4.

— Que música é esta? — Fernão levantou a cabeça. Uma espécie de batida contundente, entrecortada por sons electrónicos: nunca ouvira nada do género. Estavam os cinco às escuras, na carruagem de um comboio parado; desta vez, o Rest.2 não os dispersara. O som chegava abafado do exterior. Bartolomeu desembaciou a janela com a manga da camisa. Era noite lá fora, mas uma fileira de postes iluminava os trilhos.

— Estamos perto de uma estação — indicou Carola. — Não é Santa Apolónia? Brísida não lhe respondeu. Levantou-se para percorrer o vagão deserto.

— Não te afastes muito — pediu Bartolomeu.

Mas ela já gritava, do fundo do corredor:

— Venham. Dá para abrir a porta.

Fernão notou a contrariedade no rosto de Elda: suspeitava que, por ela, ficariam ali sentados à espera que a ligação terminasse e Marcello os puxasse de volta. Como é que se podia ser assim?

À medida que os colegas desciam os degraus da viatura, a música tornava-se mais presente. A estação distava apenas meia centena de metros, e o espectáculo que oferecia era inédito. As plataformas encontravam-se apinhadas de pessoas que seguiam o ritmo freneticamente, como em transe, varadas por feixes de luz. Por entre a massa, ouviam-se gritos agudos. Carola deu um passo atrás, assustada.

— Não percebem? — Fernão estava eufórico. — É uma festa!

E desatou a correr naquela direcção. Os colegas tardaram a seguir no seu encalço, sem conseguir decidir se deviam rir-se ou não da situação. Fernão já saltara para uma plataforma.

— Isto é dantesco — Carola observava o cenário com apreensão. Mas os colegas pareciam fascinados. — Ei, *isto é dantesco*, certo? Não vamos meter-nos ali, pois não?

Entretanto, Fernão deslizara por entre os participantes da festa, abria caminho por entre um mar de corpos, todos jovens, atraentes, que pareciam celebrar a sua passagem. Uma ilusão sem sentido, difícil de aceitar. Ao olhar para o próprio corpo, sentia-se deslocado, baixava a cabeça.

Marcello tirara-lhes logo as esperanças no primeiro dia: no Rest.2, os impulsores só teriam acesso ao próprio fantasma, impossível trocar de corpo. O recente acesso ao Rest.1 permitia-lhe furar essa restrição, e durante as ligações clandestinas podia adoptar a figura que queria. Mas agora encontrava-se de novo limitado ao aspecto doentio, ao tronco franzino, à mão torta. Ora, aquela não parecia ser uma noite como as outras. Se desse para contrariar a lógica? E teve uma intuição. Procurou um espelho, fechou os olhos, lançou o pedido, exactamente como quando se ligava ao Rest.1. Viu então a imagem de um novo rapaz varrer a do seu antigo reflexo. Ainda era ele, mas agora moreno, de cabelo preto, com dois braços firmes e musculados, um ar sadio e confiante.

— Tudo é possível — murmurou, de si para si.

Voltou para a plataforma, imiscuiu-se na multidão. Toda a gente balançava em harmonia com o ritmo da música hipnótica, sob a esfera que espalhava efeitos de luz, e ele não destoava. Até que uma rapariga de caracóis se aproximou dele, lhe tocou ao de leve no ombro, sussurrou com voz dengosa:

— Danças bem. — E Fernão, que habitualmente era um pé de chumbo, constatou que de facto não se safava mal.

Passado pouco tempo, ela passou-lhe uma pastilha para a mão, que ele engoliu depressa, com um meio sorriso. Não era preciso mais, e ele não queria mais nada, aquilo podia durar a noite toda. O tempo passava, mas era um momento só, infinito, como que estendido. Incrível. Bebeu uns quantos goles de água, sem deixar de se mover. A rapariga coordenava na perfeição os movimentos com os seus, tão certos. Os caracóis saltavam, em completa sintonia com a música. Não lhe importava o Rest.2, como não lhe importava saber dos outros. Tudo estava no seu lugar. As pessoas que o rodeavam, como podiam ser tão extraordinárias? Não conhecia ninguém, mas todos lhe eram próximos. Unia-os um afecto sem explicação, e era tudo tão verdadeiro. O mundo era um lugar impecável.

Fernão não podia deixar de dançar, era impossível. Tão leves, tão precisos, os caracóis da miúda. Adquiriam reflexos vindos daquela bola de espelhos que continuava a girar por cima deles. E eram caracóis brancos, depois azuis, e escuros outra vez. Caracóis que mudavam, que se distendiam e regressavam ao ponto de partida, nunca iguais e sempre os mesmos. Tudo tão exacto, nem parecia o mistério que era.

*

Elda penava, perdida dos companheiros havia já um bom bocado. Tinham acabado por enfiar-se em fila indiana naquela confusão, e claro que em pouco tempo já estavam afastados uns dos outros. Rapazes e raparigas suados, fora de controlo, impeliam-na de um lado para o outro, e o contacto com mãos alheias intimidava-a — mas também era exaltante.

Disse para si mesma que era só o Rest.2, e que aquele corpo não era o seu: o verdadeiro estava a salvo, no módulo de impulsão. Encostou-se a uma parede, um pouco zonza, e foi percorrendo a correnteza de portas até dar com uma entrada. Era uma divisão ampla, com dois largos espelhos horizontais. Embora isso fosse impossível, a repercussão do som cessara por completo. Olhou para a sua figura e afirmou em voz alta:

— Este corpo não é o meu. — E no entanto sentia-se presa a ele. Lembrou-se de histórias que se contavam no liceu sobre o aluguer de fantasmas alheios no Rest. Mas, mesmo que pudesse, Elda nem sabia como se fazia a troca. Bastaria fechar os olhos, assim, para ver desfilar imagens de raparigas mais interessantes do que ela, mais altas do que ela, mais vistosas do que ela? Imaginou a figura de Brísida, tão bonita, mas não ousou. Tentou mudar-lhe as feições, deixou vagar o pensamento, em busca de um corpo inexistente. Os segundos passaram sem que nada acontecesse. O que estava a fazer era pueril.

Ao reabrir os olhos, para seu espanto, viu-se transformada numa outra jovem negra, mais velha, quase uma mulher. *O que é que eu fiz?*, perguntou-se, num assombro — mas o resultado era demasiado fascinante para a aterrorizar. As formas generosas enchiam um vestido vermelho, pelos ombros derramava-se a longa cabeleira ondulada. A qualquer gesto que improvisasse, o reflexo no espelho obedecia-lhe. Era ela. Não despregava os olhos do espelho: literalmente, não cabia em si. Ao cabo de uns minutos de admiração, fechou os olhos para reverter o feitiço, mas desta vez não funcionou. Ficou

um pouco aflita, mas não muito. *É só um fantasma, é só um empréstimo.* Só umas horas. E, afinal, aquela era a melhor forma de se proteger.

Enfrentou de novo o piso da estação, procurando não perder o equilíbrio a cada passo dado pelas longas pernas. Não era decerto a única pessoa bonita naquela festa, mas, à medida que avançava, ninguém tirava os olhos dela. A atenção de que era alvo quase a feria, mesmo se a consciência de ocupar outro corpo contribuía para tornar tudo mais abstracto. E foi caminhando, dona daquele poder inesperado, até descobrir, na voragem do centro da gare, os traços familiares, mas inesperadamente recriados, de Fernão.

O rapaz que a perturbava desde o início do projecto não era aquele, Elda sabia-o bem, e se pudesse parar para pensar chegaria à conclusão de que preferia o original à versão falsificada. Porém, naquele momento, ela mesma era uma miragem. E sabia que não teria outra oportunidade para uma aproximação.

Chegou-se tão perto, que os seus olhares não puderam senão cruzar-se. As pupilas dele pregaram-se nela, e Elda estacou, pendente daquele instante. E foi como num sonho que o viu, num passe lento mas decidido, largar a outra rapariga. Todo o som se calara, de novo, quando ele aproximou a boca da sua orelha para murmurar:

— Vem comigo.

*

No termo da plataforma, junto a um comboio estacionado, as gargalhadas perdiam-se. Carola apreciava a sua nova versão diante do vidro da carruagem.

— Ná, não fica bem — decidiu, passando a mão pelo cabelo louro, que lhe realçava as sardas. — Experimenta lá tu, Bartolomeu!

— O quê, louro, eu? Nem pensar. Não, espera, tenho outra ideia... — anunciou ele, antes de fechar os olhos. E, ao sentir o corpo transformar-se, o coração começou a bater. Era mesmo possível mudar de pele. Abriu os olhos, palpou os braços delgados que o reflexo lhe devolvia — Uau. Isto é esquisito! Sinto-me diferente...

— Faltava cá este caramelo! — comentou Carola, a olhar para o corpo de Tiago, que Bartolomeu adoptara. E desafiou-o: — Pensa lá noutra pessoa... Já sei! Aquele agente da entrada da Bóreas, o gorducho! O de bigode!

E Bartolomeu abriu os olhos, fechou os olhos, era o gorducho de bigode. Estavam naquela brincadeira quando viram surgir o reflexo de Fernão no vidro.

— Vejo que também experimentaste o truque do espelho — notou Carola.

Mas aquele Fernão, cheio de músculos, cheio de si, era menos simpático.

— Bartolomeu, sai desse corpo — exortou ele. — Tenho uma surpresa para ti. Acho que vais gostar.

O amigo ainda nem tivera tempo para compreender, quando Fernão empurrou uma desconhecida para os seus braços.

Que, para ele, não era uma desconhecida.

— Verónica!?! — A irmã de Brísida cravava nele os olhos aterrorizados.

— O quê...? Eu... Fernão...

— Está tudo bem, querida. Conversa aqui um bocadinho com o Bartolomeu — sugeriu Fernão, numa voz arrastada. — Vês, também é um matulão...

Humilhada, Elda não podia acreditar que aquele era o motivo por que Fernão a fizera segui-lo. Bartolomeu estava petrificado com a cena, incapaz de agir.

Fernão chegou-se junto do colega, insistiu de forma sibilina:

— Vá lá, meu, deixa-te ir. Uma vez na vida!

Mas Bartolomeu deixara de ouvir; a poucos metros, Brísida olhava para a cena, a desilusão estampada no rosto. Afastou Verónica bruscamente, e rosnou para Fernão:

— És mesmo estúpido. Faz-me um favor: não me voltes a dirigir a palavra, OK?

Correu na direcção da colega, mas esta já se embrenhara num grupo. Esforçou-se por persegui-la e, junto a umas colunas espelhadas, agarrou-lhe um braço, mas, ao puxá-lo para si, constatou que se enganava: aquela era Elda.

— Viste a Brísida? Estava mesmo agora aqui!

A rapariga negou com a cabeça, ele largou-a, desapareceu; e ela, magoada, tentou escapar ao tumulto. Temia que Bartolomeu voltasse ou que outro dos colegas lhe dirigisse a palavra julgando que ela era Elda.

Os grandes portões da saída estavam fechados. Mas Brísida fez rodar uma maçaneta, ingressou no corredor. Respirou fundo, procurou acalmar-se. Ao passar por um espelho, caíram-lhe os braços ao ver o reflexo daquela rapariga loura e pálida. Olhou para a sua expressão mole, retesou os cabelos finos, tentou encher com as mãozitas aquele peito magro. Elda. *Podia ter escolhido melhor, pensou, mas agora já está.*

Umhas escadas conduziam ao andar de cima. Com as pernas curtas, Brísida escalou um lance, devagar, resignada às limitações do fantasma emprestado. Uma varanda: mesmo aquilo de que precisava, um pouco de ar puro. A noite estava fresca, a pele de Elda arrepiava-se. Que brincadeira cruel lhe preparara o Rest.2. De entre todos os corpos, por que tinha de ser o de Verónica convocado? E como é que Bartolomeu lhe fizera

aquilo, abraçar-se a uma projecção da irmã dela? Controlou a custo uma súbita vontade de chorar.

— Elda! És mesmo tu?

Camuflado na sombra, um rapaz alto chamava por ela; enfim, por aquele corpo que ela envergava. Brísida deu um passo na sua direcção, ele esticou a mão para a deter.

— Flávio? És o Flávio Hirpo? — Não podia acreditar, e mal o conseguia ver. O fantasma estava ali, confundia-a com Elda. Recuou, apoiou os braços ao parapeito. Esforçou-se por olhar para o chão e dizer qualquer coisa evidente, como imaginou que a outra faria. — Tu morreste... na praia. — Mas logo decidiu que não podia perder a ocasião, e reproduziu o balbucio da colega: — Não percebo... Tu... tu estás mesmo aqui? Ou és uma projecção do Rest.2? Como eles?... como esta gente da festa?

— Sou como tu. Um fantasma — asseverou Flávio.

— Mas nós levámos o teu corpo a enterrar...

— É o problema, não é? Falta-me corpo para o fantasma. Nada disto devia ter acontecido. O projecto... Houve complicações.

— E não dá para resolver?

— Talvez. Lembras-te do que te disse na praia? Guarda isso na cabeça.

— Na praia? Em Odeceixe? — Brísida girou a cabeça. não estava à espera daquilo. Avançou, decidida a obter respostas. — Ei! O que é que lhe disseste?

Mas o vulto já não estava ali.

*

Era inútil, Bartolomeu não voltava. Carola desistiu, foi sentar-se ao lado de Fernão na beira da plataforma.

— Não percebo, só queria ajudar... — repetiu o rapaz, com ar melindrado. Bartolomeu fora a única pessoa que, desde a sua chegada a Lisboa, o tratara como devia ser. — Achas que ele ficou mesmo chateado comigo?

— Isto passa-lhe. Mas confesso que estou um bocado espantada. Não disseste que tinhas um encontro combinado com a Lisa amanhã?

— Então... e tenho! — De olhos baixos, desconsolado, Fernão parecia o Tugúbio quando recebia um ralhete. — Com a Lisa é outra coisa, é mesmo a sério.

— Ainda não percebeste? O Rest não é um jogo. Não dá para dissociar quem és aqui de quem és na vida.

Fernão suspirou, olhou para os braços vigorosos que não eram mesmo seus. Carola insistiu:

— Acredita, ficas melhor sem esses bíceps.

— Não te queria dizer... mas tu loura também não ficas assim tão fantástica.

Elda, por sua vez, ainda sob a aparência de Verónica, fugira dali, num anseio de esquecer a horrível sequência por que passara e que não chegara a compreender completamente. Fernão tentara...? Ou fora Bartolomeu? Por que nome a chamara ele?

Agora, sentia-se esmagada pelas pessoas, a música oprimia-a. Reconheceu com alívio a porta para a sala onde antes tivera lugar a metamorfose, e enfiou-se logo lá para dentro. Ali estavam os grandes espelhos. O culpado era aquele corpo: era mais do que tempo de reencontrar o seu aspecto habitual, voltar a si. Estava na iminência de dar por encerrada a usurpação quando um som ofegante chegou ao seu ouvido.

Vinha do fundo da sala. No reflexo do espelho, percebeu que havia ali uma porta entreaberta. Pressentiu que estava ali alguém, um homem, a observar o seu corpo actual. Era um assobio píffio, a que não convinha dar resposta. Mas Elda virou a cabeça, devagar, até dar com um olhar vidrado, pregado nela. Um sujeito de meia-idade, de aspecto reles, dissimulava o corpo possante num sobretudo de camurça. Pensou que tinha de sair dali imediatamente, mas não lhe veio a força para agir em consequência. Sentia-se paralisada, as pernas falhavam-lhe. Enojada, não conseguia desviar os olhos daquele rosto malsão. O homem fez um movimento quase imperceptível com a cabeça, um comando para que se aproximasse — e Elda, em obediência a um misterioso impulso que nascia de si e era mais forte do que o seu julgamento, moveu aquele corpo que não lhe pertencia na sua direcção.

Pôs-se a seu lado, sempre sem se decidir a quebrar o contacto visual, a perguntar a si mesma por que não se afastava. Notou um som abafado, o sobretudo abriu-se, pressentiu uns gestos dúbios. O homem instigava-a a olhar — mas, incapaz de fugir, Elda resistia ao confronto, mantinha-se direita.

Então, o homem salivou um som grotesco, uma súplica.

E Elda só pôde pensar: *Salve-me, Marcello.*

5.

— Primeira noite sem trabalho esta semana. Mereço todas as bebidas que estiveres disposto a pagar! — disse Lisa, a pegar no copo que Fernão lhe estendia.

Acertara em levá-la ao Torel. Sentia-se tão bem com ela, os outros não importavam. Ao anoitecer, naquele jogo de sombras que ocultava os destroços, a cidade rasa prolongava-se pela água. Lisboa era bonita. Dava quase a impressão de que se poderia passear indemne por aquelas ruas, ao sol do crepúsculo.

— Mas amanhã descansas, ou nem isso? É domingo!

— Descanso de manhã... À tarde ainda tenho de fazer umas horas. Depois, acabou-se esta maldita substituição.

— E, a seguir... vais para onde?

— Para onde é que queres que vá? Vou para minha casa, em Alvalade.

— Em Alvalade... mas então não estavas só de passagem...?

— De passagem, sim, por casa da minha avó! Fica mais perto deste trabalho. O eu é que achavas? Sou alfacinha. Enfim, não propriamente, mas quase. Vivo em Lisboa há mais tempo do que imaginas. Até te podia mostrar...

Lisa calou-se de repente, como se não tivesse a certeza de poder falar às claras com aquele rapaz que mal conhecia. Ele notou o mover de olhos hesitante.

— O quê? Podes contar-me. Não vou dizer — garantiu Fernão.

Ainda passaram cerca de uma hora no centro. Mas ao sábado havia sempre imensas pessoas e ao fim de algum tempo tinham de falar alto para se conseguirem ouvir um ao outro. Toda a gente queria um lugar à janela, Lisa estava farta de ser empurrada.

— Vamos embora? Está lua cheia.

Fernão não percebeu a observação. Seguiu-a pelo tapete móvel que circundava a muralha, desceram na avenida Almirante Reis. Ainda não era tarde, mas um guarda lançou-lhes um olhar de reprovação, como se o som de risos fosse proibido. A dada altura, depois de verificar que ninguém os observava, Lisa esgueirou-se para o interior de um prédio que conhecia melhores dias.

— Anda, não faças barulho — ela avançou pelo soalho que rangia até ao fundo do corredor, abriu uma porta com cuidado e desceu as escadas para a cave.

— Não se vê nada! — sussurrou Fernão.

Lisa acendeu a lanterna, que revelou uma série de trastes cobertos de pó, e prosseguiu, atenuando o feixe de luz com a mão. Ao fundo, indicou uns painéis velhos, arredou-os e pôs a descoberto um buraco escavado na parede. Dava para ver pegadas no solo, era um percurso conhecido.

— O que é isto? Onde estamos? — Fernão ficou pasmado perante a descoberta daquele túnel. À sua frente, Lisa iluminava o caminho, saltou para o vazio.

— É uma antiga estação de metro, os Anjos — desvendou ela, com a lanterna. — Fantástico, hã? É só seguir os trilhos, a passagem é mais a sul, no Martim Moniz.

— A passagem... Mas então vamos sair da cidade?

— Vamos *entrar* na cidade! Não te preocupes, conheço o caminho.

Havia aquela outra rede de corredores subterrâneos, nunca tinha pensado nisso. Algumas estações centrais serviam hoje de depósito, na da Praça de Espanha tinham sido instaladas câmaras frigoríficas, outras encontravam-se simplesmente fechadas. Não conhecia portas de saída na cidade murada, e passeios só em circuito fechado. Em Setúbal as excursões ao exterior também eram reprimidas, mas ali era mais fácil contornar as regras, ou ele pelo menos sabia como. Mas, desde que chegara a Lisboa, nunca tinha posto os pés fora do ambiente coberto, excepto para assistir ao enterro de Flávio Hirpo. Vivia há dois meses numa realidade blindada.

Lisa parou, apontou com a lanterna a comunicação com o exterior. Subiram as escadas, por ali iam dar à Mouraria. Ainda não tinham chegado à superfície e o luar já lhes batia na cara.

— Era óbvio, tinha de haver uma passagem assim! — Fernão, eufórico, batia com as botas na estrada alcatroada.

Lisa fê-lo subir e descer colinas, seguir a carreira dos antigos eléctricos, encostar-se a miradouros onde as árvores tinham morrido. Mostrou-lhe as casas abandonadas de Alfama onde, antes de serem evacuados, tinham morado durante anos os noctívagos, esses homens e mulheres que faziam a vida de noite, decididos a não acatar as regras do Conselho. Levou-o à Sé de Lisboa, e entraram pelas portas escancaradas, percorreram a nave, ingressaram no claustro. Galgou com ele a encosta que levava ao castelo. Tinham de ignorar os omnipresentes sinais de decadência, mas de qualquer modo na escuridão isso não era difícil. Contavam com a luz da lua naquele périplo, e por vezes avistavam ao longe um archote luzir.

— Há outros, vês? — dizia Lisa. Nada tinham a temer: desde que os acessos à cidade velha tinham sido selados, dificilmente os polícias iam perder tempo à caça de uns quantos aventureiros como eles.

Chegavam agora a um lugar maravilhoso, e ela assinalou:

— Largo das Portas do Sol.

Apoiaram-se ao miradouro, vendo a lua reflectir-se no Tejo. Lisa explicou que dantes se lhe chamava Mar da Palha.

— Que bonito! — exclamou ele.

A rapariga suspirou. Pensavam os dois a mesma coisa naquele momento: as pessoas costumavam viver mesmo na cidade! Ficaram uns minutos calados, envolvidos na melancolia. Lisa encostou a cabeça ao ombro direito de Fernão, e esse era o movimento mais natural para ambos naquele momento. Ele envolveu-a com o braço, devagar, procurou-lhe o rosto. Ali trocaram o primeiro beijo.

*

Era quase meio-dia quando um barulho de louça a chocar o acordou.

— Desculpa — sussurrou Lisa.

— Bom dia. — Fernão esfregava os olhos, num grande sorriso.

— Bom dia para ti — respondeu ela, aproximando-se. — Dormiste bem?

Nunca dormira melhor. Sem ter a certeza de que o movimento fosse legítimo, aproximou-se do rosto de Lisa para a beijar. Ela correspondeu, sem hesitar.

— Quem me dera que não fosses trabalhar — confessou Fernão. — Ontem à noite foi tão mágico. Tudo...

— Eu sei. Sinto o mesmo que tu.

Fernão estava sem camisa, o braço à vista, mas isso não tinha nenhuma importância, nem para Lisa nem para ele. Ela já se preparava para sair.

— Preparo-te uma chicória?

— Já comi uns biscoitos que tinhas para aí, do século passado. Tenho mesmo de ir. Ainda passo por casa da minha avó. Ela tem chicória, de certeza.

— A dona Graça! Não lhe disseste nada. Deve estar preocupada.

— Ó Fernão! Não sou uma miúda. Faço o que me apetecer.

Pela primeira vez desde que se tinham encontrado na véspera, sentiu-se inquieto. E se, para ela, ele não fosse mais do que uma aventura inconsequente?

— Gostava de voltar a ver-te. Tens vontade?

— Estava a ver que não perguntavas — respondeu Lisa, à porta. — Amanhã?

Fernão passou uma hora ou mais sentado na cama, com um sorriso que não se desfazia. Nem se queria mover para não alterar nada, receoso de que a memória do corpo nu de Lisa a seu lado se desvanecesse. Pegou na harmónica, estava nas nuvens. Possível que ela tivesse mexido tanto com ele?

Ao almoço, passou por casa da dona Graça, já era hábito aos domingos. O que o levava ali, porém, fora o desejo de estar mais próximo de Lisa: talvez encontrar algum

objecto que lhe pertencesse, um rasto da sua presença em casa da avó. Se a senhora estava a par de que fora com ele que a neta passara a noite, manteve total discrição.

— E hoje queres ligar-te ao módulo? — perguntou, depois da chicória.

— O quê? Ah, não. Não é preciso — retorquiu Fernão.

Voltou para o seu apartamento, a pensar que mais tarde podia talvez ir visitar Bartolomeu, fazer as pazes. Mas pouco depois o sinal de chamada telefónica soou no quarto. Desceu ao rés-do-chão, pediu licença ao senhor Carmelo.

— Sou eu. Só para confirmar. Operação bem-sucedida.

Fernão demorou algum tempo a perceber que o irmão se referia ao algoritmo que ele introduzira no Rest.1, dias antes.

— Ah, OK — respondeu, alheado.

— O que é que eu te tinha dito? É canja!

— Tudo bem — disse Fernão, pouco depois. — Mas não me metas em mais histórias dessas, estás a ouvir?

— Não sejas parvo. Quando eu aí for, a gente fala disso.

— Não, estou a falar a sério, Jacinto. Mais, não.

— Espera lá, tenho aqui a mãe para ti.

Glicínia estava em casa do irmão. Depois, ainda falou com Valter, o irmão mais novo. O dia anunciava-se estupendo. Era como se tudo quisesse entrar nos eixos de uma vez. Até o senhor Carmelo estava menos embirrento do que de costume.